

NARRATIVAS ORAIS E ESPAÇOS VISUAIS: A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS DE UM GRUPO DE TRABALHADORES FAZENDA DESCALVADOS – PANTANAL DE CÁCERES/MT

Gláucia Tahis da Silva Campos Péclat

(Doutoranda História Cultural/UnB/Bolsista CNPq/glauciapeclat@hotmail.com)

Resumo

Pretende-se mostrar como um grupo de trabalhadores da Fazenda Descalvados – Pantanal de Cáceres/MT elabora narrativas orais e imagens visuais a respeito dos espaços relativos à produção da carne de charque (1930-1970). Neste sentido apontar como esses sujeitos apresentam sentimentos nostálgicos e de esquecimentos. A partir desse movimento, por eles construídos; estabelecer diálogo entre tais categorias de memória e indicar como concebem espaços de inclusão e exclusão por eles experimentados ao longo de suas trajetórias cotidianas no tempo do saladeiro.

Palavras-chave: carne de charque, Fazenda Descalvados, Pantanal de Cáceres-MT.

1.0 – Considerações Iniciais

Parte dessa minha pesquisa a respeito da Fazenda Descalvados, Pantanal de Cáceres – MT, se realiza com base em categorias profissionais de trabalho, dado meu interesse em entender como cada um desses grupos de trabalhadores elabora memórias acerca da história dessa fazenda. Assim, entender como as formas narrativas por eles construídas, são elaboradas torna-se significativo, uma vez que, expressam a mão-de-obra utilizada na operação do charque.

Esses sujeitos sociais são os trabalhadores e os narradores testemunhos da história da Descalvados. Hoje, moram na fronteira Brasil/Bolívia, em Porto Limão, e narram suas histórias de vida, a partir do trabalho nessa fazenda, ao longo da produção do charque. Essas narrativas por eles elaboradas são importantes para se entender como organizaram e, sobretudo, reorganizam seus projetos de memórias sobre o saladeiro.

Assim, em um primeiro exercício metodológico, por mim realizado, em janeiro de 2009, visando a mostrar algumas fotos para esses narradores que moram na cidade de Cáceres e povoado de Porto Limão, pude notar que todos - com quem mantive contato neste período - apresentaram certo sentimento nostálgico quando viram certas

fotografias da Fazenda Descalvados. Em sua maioria, lágrimas escorreram ao verem essas fotos. Percebi, então, como um grupo específico elabora formas de esquecimentos e lembranças carregadas de saudades em relação aos espaços-lugares dessa fazenda.

Trabalhar com essas fotografias, não como mera ilustração, mas como estratégia para se pensar como a memória da imagem e a imagem da memória, em suas relações e/ou possíveis distinções são elementos que marcaram/marcam interações entre os membros do grupo e despertam sentimento de pertença foi uma das minhas preocupações. Em decorrência dessa opção metodológica, pude dialogar com esses narradores e deles extrair, certas histórias por eles experimentadas, ao longo de suas trajetórias cotidianas nessa fazenda Descalvados.

2.0 – A carne de charque como processos de memórias

Ao selecionar o charque, tenho como finalidade mostrar como este se tornou um atributo alimentador de referenciais históricos e identitários desse grupo. Tratar dessa charqueada é tratar daquilo que se pode considerar como sentidos de mundo construídos sob percalços, desencontros e encontros negociados entre diferentes grupos étnicos.¹

Ancoradas na Descalvados, suas histórias de vida, suas experiências e memórias são reorganizadas e reordenadas cotidianamente, pois, como sugere Eckert (1998, p. 157) as continuidades são construídas, pensadas e projetadas. Agora quanto às rupturas experimentadas, não engendram apenas um ‘ontem’ e sim um ‘devir’. Evocar testemunhos ainda enraizados nessa fazenda e recosturar o ritmo da vida no “tempo do saladeiro” torna-se uma prática fundada na relação presente/passado.

Neste sentido, é o presente que me interessa nesta história. O presente aqui deve ser entendido como aquilo que Arendt (1998) designou como testemunhos que indicam a tradição, que transmite e preserva o seu valor. O valor aqui deve ser entendido como as memórias inerentes aos sujeitos sociais que trabalharam na Fazenda Descalvados entre

¹ Esses trabalhadores são oriundos dos grupos indígenas Guató, Bororo e Chiquitano. No entanto, na Fazenda Descalvados, vários grupos de estrangeiros fizeram parte desse cenário da política de produção de carne de charque. Entre os indígenas, também se encontravam no saladeiro: paraguaios, italianos, franceses, argentinos, correntinos e brasileiros não índios.

o período de 1930 a 1990. A década de 1990 marca já, a falência da fazenda Descalvados e, também marca a permanência de apenas alguns remanescentes no local.

Ao considerar que a memória não retém, no fundo, senão o excepcional (DUBY, 1970), penso que, aqui, neste caso, em especial, a memória e a história de vida desses grupos de trabalhadores são construídas por meio farrapos de memórias e, obrigatoriamente, pela seletividade dessas memórias. Além dos farrapos, dos murmúrios, das lacunas; existe aquilo que se pode chamar de impressões de vestígios como alerta DUBY (1970) em *A Memória, e o que ela esquece*.

A memória é também recordar, e recordar significa também gravar (WOORTMANN, 1998, p. 90). Dessas gravações o que se tem é a lembrança. E nas palavras de Halbwachs (2004), a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (p. 76).

Assim, é nas diferentes formas de se lembrar, das distintas maneiras de se pensar a duração do passado, que abordo o charque produzido na fazenda Descalvados, como um elemento carregado de sentidos de identificação para esses trabalhadores que se auto-atribuem e são atribuídos como “descalvadianos” e “descalvadianos puros”.

O termo “descalvadiano” é uma atribuição e auto-atribuição empregada pelos que nasceram na fazenda Descalvados e pode significar sentido identitário que o tempo do saladeiro teria condicionado ao tempo de trabalho no charque. E ainda, pode indicar um sentido de identificação que os trabalhadores apresentam, quando o caso é a Descalvados.

Aparentemente, parte desses trabalhadores que moram em Limão vive, como diria Zonabend (1980, p. 09), um tempo contínuo e homogêneo, um tempo cronologicamente fragmentado em dias, meses, anos. No entanto, este tempo é suprimido pelo presente, carregado de temporalidades marcadas por um outrora, por um hoje, por um futuro. Esses tempos vividos pelos trabalhadores são ordenados por eles como superpostos, como um movimento dialético de continuidades e descontinuidades, o que os leva a pensar na origem desse grupo. E é este conjunto do

tempo que me interessa, na medida em que o tempo não é vazio e homogêneo, mas saturado de *agoras* (BENJAMIN, 1994, p. 229).

Nesta direção, pensar nessas temporalidades para grande parte desses trabalhadores é pensar naquilo que Zonabend (1980) diz a respeito do sentido da longa duração. Para a autora o passado parece um tempo sem contornos precisos, presente ainda como uma duração sem fim, sem choque, até mas também presente de perturbações e rupturas (p. 14).

Então, como também afirma Eckert (1998, p. 141), essa longa duração tem um sentido dialético - durações, que sempre são descontínuas. Reordenar o tempo presente, recriar os pontos de referência - aqui chamo atenção para a carne de boi - reinventar suas práticas cotidianas permitem a esses trabalhadores viver uma continuidade relacionada ao tempo do saladeiro.

As narrativas desses trabalhadores que, atualmente, moram em Porto Limão se associam com o passado de uma maneira soberana e carregada de imagens. Como esse grupo passara pela experiência do deslocamento provocada por um processo diaspórico, suas formas de reelaborações da memória se encontram em um movimento simultâneo de lembrar e esquecer.

No entanto, outro aspecto chama atenção nessa relação, nesse movimento: a saudade. E aqui, essa saudade se torna um elemento crucial para se compreender a história dessa fazenda para esse grupo de trabalhadores, pois, nessa dimensão, esse termo passa a ter um sentido de tempo bom, tempo da fartura, tempo do emprego, tempo da família reunida, tempo em que a produção da carne de charque se torna a expressão da introjeção de outros elementos na cultura desses trabalhadores.

A carne de charque ao alcançar o mercado tipo exportação garante a essas famílias um tempo da nostalgia. Digo isso, porque era com a carne de charque que esse grupo alimentava esperanças, garantia condições de trabalho e, até mesmo, a partir de suas acepções, comia melhor.

Essas narrativas relacionadas a essa fazenda estão ligadas à matança do boi, festas e comida festiva. Ainda, o trabalho e a segurança de um lar para a família aparecem entre essas narrativas. Em suma, esses referenciais usados por esse grupo de

trabalhadores estão articulados à carne de charque e ao churrasco, como garantia de alimentação farta e abundante.

É por essas e outras razões que o cerne dessa pesquisa se baseia no charque, nos códigos que ele implica, nos sentidos e significados que esses narradores (re) criam em torno desse, tema referencial de vida desse grupo de trabalhadores, tradições e esquemas muito próximos aos simbolismos que a carne carrega nessa região do Pantanal.

3.0 – Categorias profissionais de trabalhadores na operação do charque

Na Era Vargas os latifúndios estrangeiros que perderam o interesse dos investidores devido ao desativo brasileiro da navegação rio-platense ou pela desestabilização saladeril, são desmembradas, o que gera oportunidade a mais criadores de gado (FIGUEIREDO, 1994, p. 144). A Descalvados com 220 léguas sofre intervenção do Dep. Carlos Vandoni de Barros, dividindo-a em 31 lotes de seis a dez léguas quadradas.

Encampada pelos Irmãos Lacerda, em 1945, a população de trabalhadores que lá residia ultrapassava mais de quatrocentas pessoas. Vários desses funcionários, em sua maioria, eram da Brazil Land and Packing Company, grupo norte-americano que se dedicava além da produção do charque ao preparo do extrato de carne em lata. Nas narrativas é perceptível essa fase de transição entre uma empresa e outra. E essas noções de temporalidades que interessa, pois, mediante certas confusões que eles apresentam em torno do tempo do saladeiro que se torna possível avaliar como suas experiências marca o tempo vivido na Descalvados.

Entre as categorias profissionais de trabalhadores que entrevistei ao longo dessa pesquisa foi possível identificar vários desses que enumero em seguida: vaqueiros, peões, sambulhador (trabalhava na salmoura), matador (gado), charqueiro, mantilhador, pesador (aquele que assistia o peso), quebrador de ossos, desportador, comissário de boi, cozinheiro da comitiva de gado, laçador, capataz, egueiro, operador de máquinas, contador, apontador, carpinteiro, ponteiro, fiador esquerdo, fiador direito, lavadeiras, domésticas, do lar, meeiro esquerdo, meeiro direito, chaveiro, culateiro, tandilheiros (que cuidava da carne no sol) e ressoliador (que tirava o couro do boi). Muitas dessas

categorias a que não entrevistei; foram levantadas mediante narrativas dos trabalhadores a que mantive e ainda, mantenho contato na fronteira Brasil/Bolívia.

Apesar dessas distinções entre uma categoria profissional e outra, as narrativas apontam para uma dimensão que interessa citar mediante depoimento concedido por um trabalhador dessa fazenda:

Não havia uma profissão específica, o homem que agüentava trabalhar lá, era bom de serviço, e ainda tinha que saber de tudo, conhecer todo o processo desde a matança até a embalagem da carne para mandar para o Nordeste, que era o maior comprador de carne de charque (J.B. 77 anos, aposentado).

O perfil dos trabalhadores que se dedicavam a produção do charque é de homens casados com famílias constituídas, dispostos a trabalhar no saladeiro e morar na fazenda. As esposas além de orientar os filhos eram encarregadas de cuidar do lar. Em muitos dos casos eram responsáveis pelo abastecimento da dispensa doméstica realizando compras no Armazém do próprio local, na caderneta do esposo que se ocupava com o trabalho na charqueada ou com viagens em comitiva de gado, em média de noventa a cento e vinte dias.

A categoria de idade dos trabalhadores era variável, menor de vinte um ano a trinta e poucos anos, como também mais idosos. Como, muitos deles nasceram na fazenda, desde cedo se iniciavam na operação do charque, bem como na lida com o gado. Os rapazes solteiros, em geral, eram de fora, assumindo então, a responsabilidade de concertar alguma cerca, curral, ou de participar da bagualhação, característica pantaneira de amansar o boi baguá, espécie nativa da região. Hospedavam-se na pensão “Manoelito”, espaço destinado a eles e demais pessoas que visitavam ou transitavam pela região em busca de novas possibilidades de trabalho ou comércio de boi.

Aqueles que eram concebidos como “gringos” (italianos, franceses, norte americanos, paraguaios, argentinos, bolivianos, correntinos e demais brasileiros não-índios), solteiros, também se alojavam na pensão com objetivo de estabelecer negociações ou mostrar habilidades profissionais que viessem atender interesses da charqueada.

Os “gringos” que se casavam na fazenda com mulheres nascidas no local moravam em casas de colonos que se distribuíam em vários lugares, na área central da sede. Com arquitetura diferenciada em relação aos espaços destinados às demais categorias profissionais que se ocupavam de outros afazeres na operação do charque, como os vaqueiros, peões, matador, charqueador entre outros, essas casas se dividiam na extensão do pátio principal em Casa de Colono I, II, III e IV. Constituída em pavilhões de alvenaria, abrigavam em média, quatro a cinco famílias de seis a oito membros, ou às vezes, até mais que este número, o que dependia da quantidade de filhos que o casal chegava a possuir.

A capatazia espaço destinado a capatazes como o próprio nome fala, situava-se próximo ao curtume, a oficina e pensão. O capataz tinha função de controlar trabalhadores diretamente ligados à produção do charque e comitiva de boi. Além disso, o papel de vigiar os caçadores de capivara ou aqueles concebidos pelo proprietário como homens que apresentavam certas ameaças ao estágio de harmonia que ele procurava estabelecer. Geralmente, aqueles que burlavam o controle instituído por Lacerda eram levados para certos lugares e não retornavam mais para o espaço de convívio social e de trabalho na Descalvados.

Agora aqueles que ocupavam cargos de menor escalão, segundo suas acepções, moravam na *Galera* ou *Galileu*— espaço de aproximadamente quarenta casas expostas em área externa ao pátio central da fazenda. Descendentes indígenas das etnias Guató, Bororo e Chiquitano, esses trabalhadores eram atribuídos como bugres. No entanto, há um sentido de caráter identitário que interessa nessa relação: espaço de moradia e construções de identificação. Em geral, esses mesmos trabalhadores que ocupavam a Galera se auto-atribuem como “descalvadiano” ou “descalvadiano puro”, o que já foi mencionado anteriormente.

E o que importa aqui é que eles não se reconhecem como bugres. Essa terminologia de sentido pejorativo é atribuído por aqueles que exerciam função de confiança por parte de Luiz Lacerda e, em certas ocasiões, por aqueles trabalhadores que interessam por regularização de terras, quando o caso é chiquitano. Apesar dos sentidos depreciativos a que a palavra se configura no Brasil e, especialmente, nessa fronteira com a Bolívia; esses trabalhadores, ora concebidos como bugres, se auto-

atribuem como tal como forma de garantir o sentido indígena que a palavra pode sugerir.

Uma das formas encontrada por Luiz Lacerda para assegurar a presença desse grupo de trabalhadores na fazenda Descalvados era atraí-los com a carne de charque. Segundo as narrativas este proprietário da fazenda criava estratégias para contornar qualquer situação, e até mesmo o pessoal com a carne, usando-a para agradá-los. Todos os dias cada família tinha direito a dois quilos de filé de boi. Tocava-se o sino e o pessoal buscava a carne na área destinada à distribuição, com ordem do capataz.

Em dia de festa ou em determinadas situações como missa proferida pelo bispo na Igreja “Nossa Senhora do Carmo” - homenagem à Santa de devoção do proprietário, o churrasco era ofertado como também idéia de agrado ao povo. Carne à vontade, carne de graça – afirmam as narrativas. Assim, sentir saudades da Descalvados é como demonstra a narrativa a seguir: *“é comer carne de churrasco... “descalvadiano” sente falta da carne com fartura. Todo “descalvadiano” é “descalvadiano” quando come carne de charque ou de churrasco. Vem a lembrança...”* (R. P. 88 anos, aposentada).

Espaço construído no centro do pátio com frente voltada para o rio Paraguai, essa igreja era concebida como espaço de integração. Casamentos coletivos, batizados e missas ocorriam com a chegada do padre ou bispo da região de Cáceres – MT. Luiz Lacerda sempre procurava agregar a população de trabalhadores em torno das festas religiosas ou profanas por ele ofertadas. Entretanto, ao mesmo tempo em que apresentam sentimentos nostálgicos, o que garante certo sentido de saudade; esses trabalhadores apontam para alguns elementos que se configuram em esquecimentos.

O sentimento de saudade se difere aqui da valorização demasiada do passado. O passado aqui não pode ser entendido apenas como glorioso ou carregado de saudosismos. O passado aqui se apresenta em movimentos temporais simultâneos: lembrar/esquecer. Assim, apesar de esses narradores apresentem em algumas condicionantes, a saudade como um sinal de segurança, de família reunida, de simbolismos que se pode considerar como momentos de fartura, tendo a carne como referência; o sentimento de esquecimentos por eles elaborados é também forte componente dos sentidos que a memória possa garantir.

O sentido de esquecimentos que esses trabalhadores apresentam em certas situações, o que depende da forma como a questão é colocada, não é de ira, nem vontade de simplesmente esquecer. É da perda da dignidade, da escolaridade, do tempo de serviço sem garantia legal, da exploração, sentimentos que muito se assemelha e se evidencia por aqueles que tiveram experiências com trabalho análogo à escravidão. Em suma, esses movimentos temporais de memórias simultâneos, não se apresentam apenas como saudade, nem saudosismos, nem raiva. Menos ainda, como bondade ou maldade, nem poder unilateral em relação a Luiz Lacerda.

A escola “Maria Cléria”, nome atribuído à mãe de Luiz Lacerda, constituía-se em espaço destinado aos estudos das crianças. A presença da professora se dava a cada três meses, no entanto, muitas vezes, os alunos ficavam sem aula por volta de seis meses ou mais. Esta instituição de ensino não era legal, levando os trabalhadores a tomarem conhecimento, somente depois que foram expulsos da fazenda. Sem instrução, esses trabalhadores, em sua maioria, analfabetos, entendem que esse problema os condicionou à situações, ainda mais sem oportunidades, quando da saída deles em massa da Descalvados, por volta do final dos anos de 1980.

Entre as narrativas, um forte ressentimento em relação à falta de estudos se apresenta como argumento para a necessidade de certos esquecimentos. Narram que, acreditava ser o caminho da Educação uma alternativa para os filhos, contrária ao que os pais experimentaram ao longo dos processos histórico-culturais vivenciados na região. A ilegalidade tanto do sistema de ensino quanto da carteira de trabalho desperta nesses narradores o sentimento de desprezo quando a questão é Descalvados. Quanto ao tempo de serviço – falsamente registrado na carteira de trabalho; contam em entrevistas concedidas, que foi preciso buscar aposentadoria por idade, uma vez que, muitos já se apresentavam idosos quando da saída da fazenda.

As imagens visuais por eles construídas acerca da fazenda Descalvados se referem sempre a um espaço grande, com mais de oitenta famílias trabalhando, se ocupando das tarefas diárias durante o período sazonal da seca, fase em que a matança era cotidiana, chegando a abater cerca de cinco mil cabeças por semana.

Os índios eram, geralmente, contratados neste período. No tempo da chuva, eles se ocupavam com outras funções como caçar, coletar frutos de bocaiúva, canjiquinha para levar e trocar por mercadorias no Armazém.

Concebida como entreposto comercial, a Descalvados fornecia mercadorias para toda a região de Cáceres e áreas vizinhas. Na cidade de Cáceres havia farmácia, mas grande parte de sua população buscava comprar remédios nesta fazenda. A mercadoria chegava de São Paulo. De tecidos de cetim, cambraia, linho à brilhantina para os rapazes solteiros e até casados se envaidecerem; havia de tudo.

Ao entrar em falência por volta dos anos de 1990, após a separação do casal, a fazenda se encontra atualmente, em estágio de ruínas. Fundada em 1881 pelo argentino Rafael Del Sar e, tendo seus edifícios construídos pelos belgas no período de 1905, a Descalvados expressa importante memória na história de vida desses trabalhadores, porque parte deles têm nela um sentido identitário que os leva a auto-atribuição de “descalvadianos”.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo, Perspectiva, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. - 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. - Bauru, SP: EDUSC, 2004.

DUBY, George. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa, Publicação Dom Quixote, 1970.

ECKERT, Cornélia. Estudo Etnográfico dos Ritmos Temporais e da Duração Social de uma Comunidade de Trabalho no Sul da França. In: **Memória: anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás**. Carmelita Brito de Freitas (org.). - Goiânia: Ed. UCG, 1998.

FIGUEIREDO, Aline. **A Propósito do Boi**. - Cuiabá: Editora da UFMT, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Stella Bresciani e Márcia Naxara (orgs.). - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. **Território e Negócios na “Era dos Impérios”: os belgas na fronteira oeste do Brasil**. – Campinas, SP: [s.n.], 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. -- São Paulo: Centauro, 2004.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. In, **História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral**. n.º 5, junho de 2002, São Paulo, p. 45-70. Também em COSTA, Cléria B, da e MAGALHÃES, N. A. **Contar história, fazer História. História, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, p. 85-107.

_____. MATSUMOTO, Roberta K. e NUNES, José Walter. Memória e história oral: esquecimento e lembrança no movimento de identidades. Em **CADERNOS DO CEAM 15**. Oralidade e outras linguagens. Brasília: NECOIM/CEAM/UnB, dez. 2004, p. 93-102.

PÉCLAT, Gláucia Tahis da Silva Campos. **Dois botinas: uma no pé outra na bunda – história, narrativa e diáspora de uma fazenda no Pantanal**. 25ª reunião brasileira de antropologia. Goiânia, 2006. 1 CD-ROM, Versão 2.0.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, FGV, vol. 10, Rio de Janeiro, 1992.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** (tomo 1). Tradução Constança Marcondes César - Campinas, SP. Papyrus, 1994.

WOORTMANN, Ellen F. Homens de Hoje, Mulheres de Ontém - Gênero e Memória no Seringal. In: **Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da UCG**. Freitas, C. (org.). Goiânia: Editora UCG, 1998.

ZONABEND, Françoise. **La mémoire longue: temps et histoires aus village**. Paris : PUF, 1980.